

## Os impactos do neoliberalismo na dimensão onírica e na elaboração dos sonhos

*Pedro Humberto Medeiros dos Santos<sup>1</sup>*

*Érico Andrade Marques de Oliveira<sup>2</sup>*

*Recebido em: 28/05/2026 · Aceito em: 01/07/2026*

### Resumo

Diante de uma realidade social marcada pelos imperativos de gozo e produtividade, assistimos a um desvanecimento da elaboração dos sonhos e do tempo destinado ao sono. O presente artigo propõe uma reflexão sobre os impactos do neoliberalismo na dimensão onírica e na elaboração secundária dos sonhos. Parte-se da compreensão do neoliberalismo como uma doutrina político-econômica e como uma força discursiva que atravessa os modos de subjetivação do sujeito. Para pensar o sonho enquanto manifestação do inconsciente articulada ao campo do desejo do Outro, utiliza-se como referencial teórico a psicanálise de Freud e Lacan. O artigo tem os seguintes objetivos: (1) Analisar os efeitos da racionalidade neoliberal na dinâmica do desejo; (2) Refletir sobre o empobrecimento sociossimbólico do sujeito neoliberal para elaborar suas experiências oníricas; (3) Investigar de que modo os imperativos de gozo afetam o sono e a formação dos sonhos.

**Palavras-chave:** sonho; onírico; neoliberalismo; psicanálise; sono

### *Los impactos del neoliberalismo en la dimensión onírica y en la elaboración de los sueños*

### Resumen

*Ante una realidad social marcada por los imperativos de goce y productividad, asistimos a un desvanecimiento de la elaboración de los sueños y del tiempo destinado al dormir. El presente artículo propone una reflexión sobre los impactos del neoliberalismo en la dimensión onírica y en la elaboración secundaria de los sueños. Se parte de la comprensión del neoliberalismo como una doctrina político-económica y como una fuerza discursiva que atraviesa los modos de subjetivación del sujeto. Para pensar el sueño como manifestación del inconsciente articulada al campo del deseo del Otro, se utiliza*

---

<sup>1</sup> Psicólogo clínico e psicanalista. Graduado em Psicologia pelo UniCEUB e especialista em Clínica Lacaniana pelo Instituto ESPE. Desenvolve pesquisas no campo da psicanálise, articulando-a com as ciências da saúde e das humanidades, com foco nos efeitos do neoliberalismo na subjetividade, epistemologias indígenas e no potencial terapêutico das substâncias psicodélicas. <https://orcid.org/0009-0006-8443-3648>

<sup>2</sup> Psicanalista, filósofo, professor titular da UFPE. Pesquisador do CNPq (PQ). Autor do livro *Negritude sem Identidade* e coautor do livro *Cartas a um Velho Terapeuta*. <https://orcid.org/0000-0003-4956-7713>

*como referencial teórico el psicoanálisis de Freud y Lacan. El artículo tiene los siguientes objetivos: (1) Analizar los efectos de la racionalidad neoliberal en la dinámica del deseo; (2) Reflexionar sobre el empobrecimiento sociosimbólico del sujeto neoliberal para elaborar sus experiencias oníricas; (3) Investigar de qué modo los imperativos de goce afectan el sueño y la formación de los sueños.*

**Palabras clave:** sueño; onírico; neoliberalismo; psicoanálisis; dormir

### **Uma breve história do declínio da elaboração dos fenômenos oníricos**

“Os brancos dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem. As palavras dos xamãs são diferentes. Elas vêm de muito longe e falam de coisas desconhecidas pelas pessoas comuns.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 461)

A experiência de sonhar e de compartilhar os sonhos com outros sujeitos constitui uma prática presente em diversas culturas, tendo produzido efeitos importantes na organização de certas sociedades ao longo da história. Na Antiguidade, há relatos de decisões políticas orientadas por sonhos, como no episódio em que um faraó ordena a morte de recém-nascidos hebreus após interpretar seu sonho como uma ameaça divinatória (RIBEIRO, 2019). No século XIX, entre os Lakota, povo indígena norte-americano reconhecido por sua habilidade de combate a cavalo, a elaboração dos sonhos orientou estratégias militares para o combate às tropas estadunidenses (IBIDEM). Ainda hoje, para o povo Yanomami, os fenômenos oníricos são fontes de transmissão de conhecimentos ancestrais e possibilitam interações com os espíritos da floresta amazônica, *os xapiri* (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Em *O oráculo da noite*, Sidarta Ribeiro (2019) descreve alguns fatores históricos que provocaram mudanças na posição atribuída ao sonhar ao longo do desenvolvimento de diferentes culturas. No contexto das sociedades ocidentais, o imperialismo e a colonização europeia figuram como elementos centrais no processo de genocídio e epistemicídio de povos do continente americano. Como consequência, saberes e costumes ligados à dimensão onírica de diversos povos foram afetados.

Já na modernidade, entre os séculos XVIII e XIX, o sistema capitalista e as ciências de orientação positivista consolidaram-se como instrumentos fundamentais para alcançar o suposto progresso cultural das ideologias do liberalismo (ANDRADE, 2025). Nesse contexto histórico, a temática onírica e suas práticas culturais, as quais já não possuíam lugares de prestígio, foram perdendo vertiginosamente sua força como experiências capazes de motivar

ações nas sociedades liberais do Ocidente. Isso ocorreu especialmente na esfera política, comercial, militar, mas também na social.

Entre as narrativas que compõem o imaginário coletivo acerca da dimensão onírica, difundiu-se amplamente a concepção do sonho como um fenômeno mental desprovido de lógica e significados, frequentemente tomado como irrelevante para a compreensão de aspectos concretos da vida cotidiana. Essa concepção do sonho foi disseminada de forma significativa pelos discursos reducionistas das neurociências modernas. Como exemplo, o biólogo Francis Crick, ganhador do prêmio Nobel pela coparticipação da descoberta da dupla hélice do DNA, propôs, em 1983, que os sonhos são “desprovidos de sentidos porque derivam da ativação aleatória de neurônios no córtex cerebral” (apud RIBEIRO, 2019, p. 34). Tal concepção neurológica sobre a atividade onírica, segundo Iannini et al. (2025), foi descartada pelos resultados dos estudos contemporâneos da fisiologia do sonho e do sono.

Apesar da irrelevância histórica dada à dimensão dos sonhos, a temática onírica resistiu e permaneceu viva em contextos específicos, nos quais o sonhar foi concebido e manejado de diferentes maneiras. Entre esses contextos, destacam-se as culturas indígenas, as religiões e tradições afrodescendentes, os ambientes universitários, os espaços clínicos e as produções culturais no campo das artes.

Subversivamente, já desde *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019) empreendeu a tentativa de inscrever a experiência onírica no campo das ciências. O fundador da psicanálise criticou o paradigma epistemológico das ciências médicas que se fundamentam no dualismo corpo-mente e no método positivista. Freud (1940/2014) indicou que certos adoecimentos do corpo não se reduzem à causalidade orgânica, encontrando-se articulados às marcas mnemônicas da cultura e aos processos inconscientes de produção de sintomas. No *setting* psicanalítico, os relatos singulares das manifestações oníricas tornaram-se material privilegiado para se investigar os complexos neuróticos dos pacientes.

Freud (1900/2019) teorizou o sonho como uma manifestação do inconsciente e apontou para sua estrutura de rébus, isto é, analisou que as imagens extraordinárias do sonho estão no campo da escrita pictográfica. Segundo o autor, o enredo onírico é capaz de representar palavras, desejos, estados emocionais, memórias, percepções e experiências afetivas oriundas das vivências do sujeito. O conteúdo manifesto, que é o sonho que se recorda ao despertar, é cifrado pelos mecanismos oníricos, condensação e deslocamento, os quais geram desde imagens misteriosas, aterrorizantes até as extasiantes. Tal teorização sobre o sonho ainda influencia, inclusive, descobertas de pesquisadores contemporâneos sobre a neurofisiologia do sonho e suas convergências com a psicanálise freudiana (IANNI ET AL, 2025).

No contexto global contemporâneo, cerca de 120 anos após a primeira teoria psicanalítica dos fenômenos oníricos, prolifera-se uma patologia social de alcance pandêmico que atinge a aresta inseparável do sonho: o sono (PEREIRA, 2021). A crescente incidência de quadros de insônia evidencia o modo como o tempo de repouso tem sido progressivamente tensionado pelas exigências de desempenho e pela hiperestimulação originada do uso das tecnologias digitais. Noites mal dormidas tendem a produzir sonhos mal elaborados, na medida em que o tempo destinado ao descanso e à contemplação da vida psíquica torna-se alvo de um estilo de vida neoliberal hiper vigilante (CRARY, 2016). As volumosas produções de imagens, notificações, propagandas e vídeos presentes nas redes sociais, as quais acessamos muitas vezes assim que acordamos, competem com o momento privilegiado de elaboração dos sonhos que se oferece logo após o despertar.

O neoliberalismo é uma ideologia política que atua nos modos de relação do sujeito consigo mesmo, com seus corpos e com seus desejos, assim como produz novas modalidades de laço social (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesse contexto econômico, uma demanda incessante por produtividade e consumo se impõe ao imaginário dos sujeitos, mesmo quando estes se encontram em estados recorrentes de exaustão. Segundo Jacques Lacan (1972-73/1985), o Supereu contemporâneo não se satisfaz com o prazer decorrente da realização de metas, pois sustenta um imperativo de gozo que convoca o sujeito a buscar constantemente um acréscimo de satisfação, para além dos limites do princípio do prazer.

Considerando um cotidiano que exige dos sujeitos níveis cada vez mais elevados de desempenho para a inserção em um mercado de trabalho altamente competitivo, a prática da interpretação dos conteúdos oníricos permanece sem espaço como atividade relevante para auxiliar o sujeito na realização de suas ambições materiais ou mesmo em sua sobrevivência cotidiana. Ademais, observa-se como os “sonhos”, agora entendidos como metas de vida ou futuros ideais, são atravessados pelos discursos neoliberais, que capturam a atividade desejante do sujeito para convertê-la em consumo ou imperativos de produtividade. Paralelamente, os sonhos singulares produzidos durante o sono continuam carentes de repertórios culturais e de intervalos de tempo que possibilitem sua elaboração e compartilhamento.

Diante de uma realidade social gerida por uma ideologia neoliberal erguem-se os seguintes questionamentos: Poderiam o sonho e seu compartilhamento social restaurar algo do laço simbólico e da atividade desejante singular que o discurso neoliberal tenta apagar? De que modo o neoliberalismo empobrece os recursos culturais e as condições temporais capazes de auxiliar na elaboração dos sonhos? Em que medida o imperativo de gozo presente no discurso neoliberal impede o sono e a elaboração dos sonhos?

## O neoliberalismo e sua gestão dos “imperativos de sonho”

Na contemporaneidade, o neoliberalismo se consolida como modelo econômico dominante do sistema capitalista. Porém, na perspectiva de Dardot e Laval (2016, p. 17), “o Neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade”. Os impactos do neoliberalismo na economia e na política de uma sociedade também ocorrem, com a mesma intensidade, no interior dos processos subjetivos que configuram os modos de relação dos sujeitos consigo mesmos e com os outros. Para os autores, o neoliberalismo pode ser conceituado como “o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (p.17).

Os processos culturais das sociedades neoliberais reconfiguram alguns vetores da constituição do sujeito capitalista: sob o regime neoliberal, o Supereu deixa de reprimir e passa a ordenar o gozo (DARDOT; LAVAL, 2016). Segundo Lacan (1972-73/1985, p. 10): “O supereu é o imperativo do gozo: Goza!”. Trata-se de um gozo sem limite — um *plus-de-jouir* — que produz uma experiência de falta da falta. O sujeito moderno, outrora dividido entre desejo e lei, é agora convocado pelos imperativos de gozo e de auto legislação a acreditar que é soberano de si (CASTRO, 2019).

A racionalidade neoliberal introjeta a lógica empresarial no interior da subjetividade humana, este processo resulta no conceito de “empreendedor de si mesmo” e de “sujeito neoliberal” (DARDOT; LAVAL, 2016). Este sujeito advoga que é responsável pelo próprio sucesso e, portanto, também por seu fracasso. Desse modo, é invisibilizada a dimensão do Outro e o campo das contingências sociais com as quais o sujeito se constituiu. Compreendemos, então, a racionalidade neoliberal como uma força discursiva que busca homogeneizar, a partir da lógica do capital e da performance, a subjetividade dos seres humanos.

O consumismo desenfreado contemporâneo se torna, por exemplo, a tentativa frustrada de materializar o desejo (CHAVES, 2019). O alvo principal da governabilidade neoliberal não é mais apenas o controle social por via das leis moralistas e autoritárias do campo do Outro, mas também o de atingir o desejo, as vontades e os sonhos. Dardot e Laval (2016, p. 327) enfatizam:

As novas técnicas da ‘empresa pessoal’ chegam ao cúmulo da alienação ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação: obedecer ao próprio desejo ou ao Outro que fala em voz baixa dentro de nós mesmos. Nesse sentido, a gestão moderna é um governo ‘lacaniano’: o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Desde que o poder moderno se torne o Outro do sujeito.

No trecho destacado, os autores refletem sobre a dinâmica do desejo do empreendedor de si a partir da teoria lacaniana. Lacan (1964/1985) compreende que o objeto do desejo não se encontra na dimensão material, mas deve ser pensado como *objeto a*, isto é, como causa da força desejante. O neoliberalismo parece incidir justamente sobre esse ponto, ao operar sobre a falta constitutiva que marca o sujeito. Assim, não é o iPhone inédito, por exemplo, que é propriamente desejado, mas a tentativa de contornar a sensação de inadequação existencial que, por sua vez, remete ao desamparo constitutivo do sujeito. O mesmo pode ser observado em relação a outros objetos socialmente valorizados, como uma casa de grandes proporções, um carro de luxo ou outros bens que prometem conferir reconhecimento social e sentimento de completude. O consumo desses objetos passa a funcionar como objeto fálico, sustentando a fantasia de preenchimento da falta estrutural. Esse ciclo se reinscreve continuamente, convocando o sujeito a se perceber novamente como incompleto e procurando por mais consumo.

No entanto, o que Dardot & Laval (2016) querem dizer, partindo do trecho transcrito acima, quando analisam que o ápice da alienação do neoliberalismo é pretender elidir qualquer sentimento de alienação? A racionalidade neoliberal opera uma captura da economia do desejo, pois, ao pretender falar em nome do próprio sujeito: “*você* pode ser o melhor *na sua* profissão”, “o *seu* futuro só depende de *você*”, “*você* pode realizar todos os *seus* sonhos”; essa racionalidade se apropria justamente do lugar do Outro que autoriza o desejo. Aquilo que deveria surgir como enigma do inconsciente transforma-se em imperativo de gozo.

O sujeito interpelado por esse Outro neoliberal que promete felicidade e liberdade irrestrita, só encontra novos modos de alienação, pois passa a ambicionar aquilo que o discurso hegemônico define como desejável. Corpos musculosos, traços faciais embranquecidos, imagem de si que transmite credibilidade e liderança nas redes sociais e o *networking*, como exemplos, são qualidades e atributos fortemente almejados pela lógica do empreendedorismo de si. O sujeito neoliberal, desse modo, não é incentivado a investigar sua realidade psíquica, que é onde se encontra a morada da ambivalência afetiva, da contradição desejante e da historicidade das identificações do Eu. As manifestações oníricas resistem aos processos de homogeneização da subjetividade promovida pela racionalidade neoliberal, pois os sonhos insistem em defrontar o sujeito com os seus circuitos desejantes inconscientes. No entanto, os desejos “sonhados” pelo neoliberalismo parecem reprimir a elaboração dos desejos gestados durante o sono.

Freud (1900/2019) assinalou que o sonho é efeito de uma formação de compromisso, resultante de um conflito entre duas forças psíquicas: de um lado, os desejos inconscientes e as

pulsões; de outro, as exigências de censura do Eu. Ao postular o sonho como realização disfarçada de um desejo reprimido, Freud compreende a atividade onírica como um fenômeno capaz de manifestar as tensões entre as exigências morais do Eu e os desejos/conteúdos inconscientes do sujeito.

O significante “sonho”, na língua portuguesa, embora ainda remeta aos pensamentos abstratos e enigmáticos produzidos no despertar, também designa “um futuro desejável”, “alguma meta que se deseje muito alcançar”. Em ambos os sentidos do termo, encontra-se uma conexão direta com o desejo. No entanto, quando associado às imagens de sucesso pessoal ou à aquisição de bens materiais, o sonho pode, em alguns casos, condensar justamente a lógica de alienação do desejo característico das sociedades neoliberais. Nesse sentido, o termo “sonho” passa a operar, de forma subliminar, como designação das demandas de gozo do Outro.

Nessa perspectiva, os “sonhos capitais” encarnados na famosa expressão “*american dream*” já se encontram previamente organizados no tecido social, prontos para serem conquistados, dispensando o trabalho singular de elaboração do desejo por parte do sujeito. Para a psicanálise lacaniana, porém, o desejo não possui objeto que o satisfaça absolutamente, o desejo se estrutura como negatividade e força insubmissa às coordenadas sociais. Já o sonho entendido como uma meta a ser alcançada expressa a promessa capitalista de plena realização do desejo.

No contexto contemporâneo, o Eu torna-se uma instância intensamente convocada a responder aos ideais do grande Outro neoliberal. Para a clínica psicanalítica lacaniana, é no reconhecimento dos discursos e dos desejos do Outro que habitam a intimidade do Eu, que o sujeito pode deslocar sua posição frente a certos ideais, abrindo espaço para desejar de outras formas, inclusive em relação a conteúdos que poderiam ser considerados inadequados ou intoleráveis sob a lógica normativa neoliberal. O sonho e o seu relato apresentam-se como elementos privilegiados para se investigar, no *setting* analítico, o modo singular através do qual cada sujeito posiciona-se frente ao seu desejo. Contudo, diante da avalanche de estímulos digitais, de objetos de desejo e de ideais de sucesso produzidos por essa racionalidade, coloca-se a questão acerca dos recursos simbólicos de que os sujeitos dispõem para reconhecer a incidência dessa realidade político-social em sua vida psíquica, em especial na dimensão onírica.

### **O empobrecimento sociossimbólico da elaboração dos sonhos**

Diante da atual hegemonia e expansão da doutrina neoliberal, apontamos para um empobrecimento do repertório sociossimbólico dos sujeitos na elaboração de sua relação com

o desejo e com alteridade constitutiva- o Outro-. Os imperativos de gozo atravessam o sujeito nesse sentido, o desejo enquanto falta é convertido em demanda incessante de satisfação. Nesse sentido, hipotetizamos que a irrelevância histórica dada aos conteúdos oníricos produzidos pela ideologia liberal aliada ao positivismo racionalista foi conservada pelos processos de empresarização da vida - promovidos pelo regime neoliberal. Os conteúdos ficcionais, abstratos e cifrados dos sonhos demandam que os sujeitos ousem questionar ou refletir sobre tais elementos. O sonhante, isto é, o sujeito que sonha, não nasce sabendo que os sonhos podem significar algo ou que sejam experiências valiosas. O sujeito necessita de suportes culturais para ajudá-lo ou ensiná-lo que o sonho carrega uma mensagem ou um conteúdo digno de valor.

Ao refletirmos sobre a natureza do sonhar por um viés psicanalítico, observamos como a própria produção do sonho manifesto já implica um primeiro trabalho psíquico de elaboração, pois os mecanismos do trabalho do sonho deformam os pensamentos oníricos de acordo com as exigências da repressão do Eu (FREUD, 1900/2019). Lacan (1964/1985) acrescenta que os processos de deformação onírica não operam apenas pela censura do Eu, mas da própria intraduzibilidade da linguagem dos registros inconscientes para a linguagem do Eu. Nessa lógica, o sonho manifesto em si já é um processo de elaboração das experiências oníricas produzidas durante o sono.

Além disso, na perspectiva da neurociência, durante o sono é quando ocorre o processo de consolidação de memórias e aprendizados, os pensamentos oníricos possuem o papel de auxiliar nessa integração das vivências do sujeito aos circuitos neuronais e mnemônicos (IANNINI et al., 2025). Tal processo neuronal e psíquico pode se estender nos conteúdos manifestos, que ocorrem durante o despertar. No entanto, para que se estabeleça uma continuidade desse processo de simbolização onírica, é indispensável a elaboração secundária realizada pelo sonhante na vigília.

Contudo, o enriquecimento simbólico do sujeito contemporâneo, no que diz respeito aos ganhos nos repertórios para alcançar maximização de performances em diversas esferas da vida não o auxiliam na elaboração de fenômenos oníricos. O empreendedorismo de si é uma força discursiva que busca fornecer sentidos à realidade com base na produtividade, lucro e consumo, ou seja, há uma colonização dos sentidos com os quais os sujeitos representam sua realidade, e, conseqüentemente, seus sonhos, nos dois sentidos já descritos do termo.

Para além do campo das ciências, é necessário pontuar a existência de outras tradições culturais, que também desenvolveram modos sofisticados de lidar com a experiência onírica. Culturas ameríndias que operam a partir de ontologias e cosmologias distintas das ocidentais, como é o caso do povo Yanomami, mobilizam formas de interpretação e compartilhamento dos



sonhos que diferem da escuta psicanalítica. Os Yanomamis compartilham seus sonhos entre si cotidianamente, com fins, entre outros, de refletirem sobre os desafios pessoais ou coletivos dos integrantes da comunidade. De acordo com Kopenawa & Albert (2015), esse povo concebe o sonho como uma experiência tão importante para o andamento da vida quanto às vivências durante o dia.

Assim, não se trata de afirmar que a difusão da psicanálise e das neurociências nas sociedades sejam as chaves mestras para que os sujeitos passem a elaborar seus sonhos de maneira supostamente mais interessante. Trata-se, antes, de reconhecer a importância da existência de suportes culturais capazes de sustentar práticas de escuta, interpretação e compartilhamento dos sonhos no Ocidente ou em sociedades ocidentalizadas como a nossa.

O neoliberalismo, no Brasil, pode ser compreendido como uma máquina de manipular sonhos, na medida em que seu gerenciamento político incide diretamente sobre culturas e tradições que sustentam o compartilhamento e os saberes da dimensão onírica. Para além de prescrever que os sujeitos sonhem segundo seus imperativos de gozo e desempenho, esse regime opera pela deslegitimação de formas de conhecimento que escapam à sua racionalidade. No contexto brasileiro, observa-se como a precarização das universidades e escolas públicas, bem como a marginalização de centros culturais de matrizes africanas, incidem diretamente sobre a transmissão de conhecimentos relacionados aos sonhos e à sua circulação no tecido social (NASCIMENTO; CREADO, 2023).

O neoliberalismo regula a luta de classes ao incidir diretamente sobre a gestão do tempo e das condições materiais de existência. Sob essa racionalidade, o tempo é capturado pela lógica produtiva e convertido em valor econômico, submetendo grande parte dos sujeitos a jornadas de trabalho precarizadas e imperativos constantes de produtividade. Nessa conjuntura, sujeitos situados na base da pirâmide social dispõem de menos condições para investir em processos de elaboração simbólica de suas experiências subjetivas, inclusive as oníricas, uma vez que o acesso a dispositivos como psicoterapias, psicanálises, formação educacional e acesso a determinados contextos culturais implica a mobilização de recursos materiais e temporais. Em contrapartida, sujeitos em posições privilegiadas tendem a dispor de maior acesso a esses repertórios simbólicos, ampliando as possibilidades de elaboração de seus conteúdos oníricos.

### **O neoliberalismo, o oráculo onírico e o compartilhamento dos sonhos**

Como apontam pesquisas recentes realizadas por autores brasileiros: Dunker et al. (2021), Pereira (2020), Ribeiro (2019), apesar do desprestígio da dimensão onírica na contemporaneidade, os sujeitos ainda sonham. Inclusive, sonham todas as noites, apenas não

são culturalmente estimulados a se recordarem dos sonhos e a fazerem do compartilhamento do sonho laço social. Na apresentação da obra *Sonhos confinados*, organizada por Dunker et al. (2021), foi evidenciado, por meio de um grande levantamento de sonhos coletados em diversas regiões do Brasil, que durante os três primeiros meses de pandemia, houve um significativo aumento do número de pessoas que começaram a se lembrar com mais frequência dos seus sonhos e de vivenciá-los com mais intensidade.

Não só no Brasil mas em escala global, a temática onírica ganhou relevância social através da produção de diversas pesquisas acadêmicas realizadas durante a pandemia sobre o sonhar. As redes sociais se tornaram grandes plataformas de compartilhamento de sonhos, “pipocavam perfis que perguntavam com o que você sonhou hoje?”, “Foi surpreendente perceber o renovado interesse de jornais, revistas, TVs (...)” (DUNKER et al., 2021, p. 12). O motivo atribuído pelos autores a crescente atividade onírica seria:

A exigência suplementar de trabalho psíquico que a chegada da pandemia impôs, principalmente nos primeiros meses, torna esses sonhos particularmente interessantes. Como não dispúnhamos de formas simbólicas, nem de narrativas padrão, nem de repertório de imagens compartilhadas capazes de apreender tudo que se passava, nosso psiquismo teve que trabalhar mais (DUNKER et al., 2021, p. 12).

Os autores citados acima analisaram como o trauma coletivo causado pelas mortes e pela mudança abrupta do cotidiano induziram o aumento da atividade onírica dos sujeitos. O novo Real que se impôs brutalmente no psiquismo trouxe experiências que exigiram vorazmente dos registros Simbólico e Imaginário dos sujeitos. Encontramos nessa consideração da pesquisa uma das funções centrais da produção onírica: a tentativa de simbolizar aquilo que é da ordem do traumático. Constatou-se, no entanto, que apesar do interesse inicial da população na temática onírica, as suas repercussões na vida social diminuíram no decorrer do surto de Covid-19.

Alguns dos elementos oníricos que mais se repetiam nos sonhos coletados dos entrevistados, durante a pandemia, giravam em torno de significantes como: casa, mãe, máscara, medo, morte (DUNKER et al., 2021). Esse dado nos evidencia o conceito freudiano de restos diurnos, que são as experiências da vigília antecedentes ao sonho. Os restos diurnos são fontes de matéria prima nas quais se engendram os processos psíquicos inconscientes, constituindo as imagens oníricas (FREUD, 1940/2014). Nesse sentido, compreende-se que os sujeitos que estão passando por situações traumáticas, instigantes ou até mesmo ordinárias nas sociedades neoliberais tendem a sonhar com os elementos de tais vivências.

Notadamente, entendemos que a racionalidade neoliberal não coloniza a estrutura do inconsciente em sua totalidade, como se pudesse inibir integralmente o desejo e a produção onírica. Mas reparamos que essa racionalidade incide nas condições simbólico-discursivas de interpretação dos sonhos. O sujeito continua a sonhar, mas já não dispõe dos recursos simbólicos-temporais necessários para sustentar a escuta de seus sonhos. O que se desvanece, portanto, não é o sonho em si, mas o trabalho de elaboração secundária. Segundo Freud (1900/2019), a elaboração secundária ocorre quando o sujeito enuncia ou escreve o sonho, isto é, quando o organiza narrativamente e o endereça a alguém. Nesse movimento, o sonho deixa de ser apenas uma experiência mental individual e passa a integrar o campo do laço social.

No entanto, em diversas culturas humanas, residiu na elaboração e no compartilhamento dos sonhos a possibilidade de intervenções na realidade social. A teoria de Sidarta Ribeiro (2019), que trata acerca da função biológica do sonho, concebe a atividade onírica como um oráculo probabilístico. Em uma perspectiva evolucionista, Ribeiro (2019) analisa como a elaboração coletiva do sonho foi historicamente uma ferramenta que auxiliou na sobrevivência humana, pois a experiência onírica permite ao ser humano simular possíveis futuros para as atuais contingências do presente, com base nas vivências do passado.

Nesse sentido, compreendemos que o neoliberalismo acentua o declínio da função do sonho como um oráculo probabilístico nas sociedades ocidentais. As condições de nomeação e descrição de sofrimentos mentais, dos eventos históricos e das violências sociais dependem de um suporte simbólico que possibilite aos sujeitos o reconhecimento de tais marcadores. A guerra de narrativas presente nas mídias digitais ilustra o conflito político sobre quem tem o poder e a influência para apontar e disseminar a verdade. Dito de outro modo, interpretar os sonhos enquanto fenômenos que permitem ao sujeito simular futuros alternativos só pode se efetivar caso o sujeito reconheça que a realidade possa de fato ser transformada ou até se realmente precisa ser modificada.

Como exemplo deste processo descrito acima, consideramos que um sujeito pode até sonhar repetidamente com situações de sobrecarga, assédio ou fracasso no trabalho, experimentar angústia e até reconhecer o caráter opressivo de sua rotina manifestada explicitamente em seus conteúdos oníricos. No entanto, a lógica da hiper produtividade e da meritocracia individual tende a levar o sujeito a reinscrever o sofrimento como desafio individual a ser superado, e não como um indício da necessidade de transformação estrutural da realidade.

Nesse movimento, o sonho deixa de operar como abertura para a mobilização coletiva e passa a ser absorvido como mais um episódio da economia psíquica do desempenho. A crença

de que é impossível superar o capitalismo e a concepção de que o ser humano é competitivo e ganancioso por natureza incidem na possibilidade de elaborar e compartilhar os sonhos como manifestações imaginativas de possíveis futuros menos opressivos ou mais interessantes para a sociedade.

Agregando à temática da função do sonhar, Dunker (2022, p. 18), no prefácio da obra de Beradt – *Sonhos no Terceiro Reich* –, reflete sobre a relação entre o sonho e projeções do futuro:

Basta pensar que se os sonhos são feitos de desejos e se nossos desejos são formados pelos desejos dos outros e pela nossa interpretação dos desejos desejados pelos outros e se o mundo se transforma, em alguma medida, em função de nossos desejos, conclui-se que os sonhos são máquinas de produção de futuros possíveis, a partir de leituras do presente em sua relação com passados necessários para justificar tais futuros.

A partir desse trecho, o autor aponta para uma continuidade entre a realidade psíquica e a realidade material, isto é, entre o sonho e a vigília. Dunker elucida a potencialidade do sonhar enquanto experiência capaz de historicizar os circuitos desejantes. Os conteúdos do sonho surgem então como manifestações dos desejos dos Outros que atravessam a história do sujeito. O sonhante torna-se um historiador de si quando reelabora suas vivências oníricas a partir de uma Outra cena. Assim como um arqueólogo que analisa os vestígios e os restos do passado sem saber que os mesmos se presentificam em sua subjetividade. Essa é a descentralização do Eu, que os fenômenos oníricos proporcionam.

Em um sistema econômico cujo princípio é o da livre concorrência, a competitividade exacerbada entre os indivíduos torna-se não só comum, mas um atributo fundamental para se alcançar os ideais de sucesso. Na mesma intensidade, a solidariedade, a confiança, e a força de mobilização coletiva tornam-se escassas no sistema neoliberal, pois os sujeitos calculam que, ao ajudar o próximo, gasta-se o tempo que poderia ter sido utilizado para o aprimoramento dos próprios desempenhos e também do trilhamento dos próprios sonhos. O sonhante perde a oportunidade de utilizar o sonho como um sismógrafo que sinaliza a relação entre seu estado emocional e sua realidade social, tornando-se mais objeto das condições sociais do que sujeito do seu destino.

Diante desse contexto, trata-se de reconhecer a potencialidade dos conteúdos oníricos como fenômenos transculturais que resistem à colonização neoliberal da vida. Por mais bizarros, íntimos e angustiantes que os sonhos pareçam, a sensação de familiaridade — ou até de infamiliaridade — que os conteúdos oníricos podem provocar ao serem compartilhados com

outros sujeitos pode operar como ferramenta política de fortalecimento dos laços sociais pela via das manifestações inconscientes.

Ao relatar um sonho e produzir associações sobre seus elementos, o sujeito pode gerar no ouvinte um efeito de ressonância inconsciente, na medida em que certos significantes enunciados pelo sonhante podem mobilizar conteúdos recalcados em si mesmo e naquele que o escuta, produzindo a experiência do infamiliar, isto é, o retorno de algo outrora familiar à vida psíquica que foi recalcado (FREUD, 1919/2019). Em outras palavras, ousar compartilhar os conteúdos oníricos com outro sujeito, pode produzir comunicações entre os registros inconscientes de ambos os sujeitos, abrindo a possibilidade de traduzir a experiência do infamiliar e dos conteúdos recalcados em novos modos de falar e elaborar sobre aquilo que insiste em não se inscrever na rede psíquica.

Em uma sociedade na qual os sujeitos se encontram demasiadamente preocupados com as repercussões de suas imagens nas redes sociais, compartilhar conteúdos oníricos nesses espaços virtuais — ou mesmo nos espaços físicos — pode representar um risco de exposição de sentimentos, vulnerabilidades e desejos considerados inadequados aos ideais normativos do contexto neoliberal. No ambiente digital, no qual uma parcela crescente do tempo da existência humana é investida, observa-se a tendência de os sujeitos filtrarem, cada vez mais, aquilo que publicam em suas redes. Tal movimento relaciona-se à busca de identificação com ideais socialmente valorizados e/ou à tentativa de converter essas publicações em capital econômico por meio da monetização dos conteúdos.

Nesta seção, analisamos algumas condições sociossimbólicas que impactam na elaboração dos fenômenos oníricos em um regime neoliberal. Na próxima seção, serão investigados os impactos do neoliberalismo nas condições temporais da elaboração dos sonhos.

### **A precarização das condições temporais da elaboração dos sonhos**

Crary (2016) aponta que a população global contemporânea possui intervalos destinados ao sono cada vez menores em decorrência de estilos de vida característicos de uma sociedade hiper produtivista. As jornadas de trabalho cada vez mais exaustivas e as suas más condições de ofício são responsáveis pelo adoecimento de milhões de pessoas ao redor do mundo, incluindo as patologias do sono. Crary (2016) expõem a existência de indústrias farmacêuticas estadunidenses implicadas no desenvolvimento de drogas psicoativas capazes de manter as pessoas acordadas por períodos cada vez maiores. A dificuldade de produzir tais substâncias reside na elaboração de composições químicas que possam também reduzir os prejuízos

intrínsecos à abstinência do sono. O propósito dessa busca medicamentosa, entre outros, é o de otimizar a performance de soldados em contextos de guerra.

Já no contexto cotidiano global observamos o uso indiscriminado de drogas psiquiátricas que buscam otimizar o desempenho no trabalho e nos estudos, retardando a necessidade de dormir. Os altos índices de uso de medicações psiquiátricas para facilitar a entrada dos sujeitos ao sono também nos chama atenção para refletir sobre a incidência dos do estilo de vida neoliberal na dimensão do sono. Na contemporaneidade, se permitir descansar, devanear e tolerar minimamente o tédio são atividades em processo de escassez. O tempo destinado para se viver a liberdade, tendo em vista a promessa das ideologias neoliberais à sociedade, está cada vez mais distante. Se o momento dedicado ao sono está se encurtando e as demandas cotidianas estão se expandindo, quando encontramos espaço para elaborarmos os enredos oníricos?

O excesso de estímulos provenientes das telas digitais contribui para a formação de sujeitos habituados a leituras breves e fragmentadas, dificultando a sustentação da atenção necessária ao trabalho de elaboração de conteúdos mais densos, subjetivos e complexos (HAN, 2023). Inseridos em uma dinâmica social competitiva, muitos sujeitos experimentam um estado de esgotamento psíquico, que se expressa clinicamente, por exemplo, no burnout e na depressão, revelando o caráter insuportável das exigências superegóicas de produtividade e das demandas laborais frequentemente desmedidas (SAFATLE, 2021).

O hábito adocedor de rolar ininterruptamente as sequências de vídeos organizados pelos algoritmos do TikTok, YouTube e Instagram contrasta com o tempo necessário à reflexão sobre o texto que as cenas oníricas podem revelar. Enquanto o consumo de conteúdos digitais é estruturado para a satisfação imediata, dispensando a necessidade de elaboração simbólica, o sonho obedece ao tempo lógico do inconsciente, exigindo um trabalho de interpretação que não se reduz à instantaneidade da informação. No momento que sucede o despertar — tempo privilegiado para a recordação dos sonhos — muitos sujeitos já se encontram capturados pela dinâmica dos aplicativos e pelas exigentes jornadas de trabalho, o que tende a recalcar tanto a recordação inicial quanto a elaboração secundária do material onírico.

Nesse contexto de precarização do tempo disponível para a elaboração narrativa da própria vida, observa-se a tendência de delegar às inteligências artificiais a tarefa de organizar e interpretar aspectos da realidade, uma vez que tais sistemas oferecem respostas rápidas e aparentemente eficazes. A busca por respostas geradas por inteligências artificiais pode, assim, ser compreendida como efeito do empobrecimento dos repertórios sociossimbólicos e da fragilização das condições temporais necessárias ao trabalho de investigação sobre a existência

humana e a realidade social. A elaboração de manifestações do inconsciente, como os sonhos e os sintomas clínicos, tendem a ser buscados junto aos dispositivos algorítmicos das novas tecnologias.

Ao refletirem sobre os pensamentos oníricos, ou seja, os sonhos produzidos durante o estado de sono, Ribeiro (2019) e Pereira (2021) sinalizam que certos medicamentos psiquiátricos, distúrbios do sono e a acentuada redução do tempo de repouso noturno tendem a inibir os circuitos fisiológicos do sono REM. É nessa fase do sono que ocorre maior atividade cerebral associada à produção de sonhos narrativamente mais complexos e imagéticos (IANNINI et al., 2025). Por mais que os sonhos possam gerar imagens enriquecidas de conteúdos sobre a singularidade do sujeito em curtos intervalos de tempo logo após o despertar, inclusive após os ciclos do sono não REM, é inegável que noites de sono cada vez mais reduzidas geram menos tempo disponível à expressão dos pensamentos oníricos durante o sono.

Assim, compreendemos que a redução quantitativa dos pensamentos oníricos também interfere nas elaborações secundárias desses conteúdos, uma vez que o material onírico disponível aos mecanismos psíquicos de deformação estão cada vez mais encurtados, gerando consequentemente menos materiais disponíveis às elaborações secundárias. Ou seja, não é que as dinâmicas de um estilo de vida neoliberal inibem diretamente a produção do sonho manifesto, mas, sim, trata-se de apontar para uma redução no tempo disponível a formação mental dos pensamentos oníricos.

### **O imperativo de gozo e as resistências ao sono**

Analisamos como o sujeito neoliberal é incessantemente estimulado a consumir aquilo que o neoliberalismo aponta como falta, ou seja, como desejável. A economia da atenção nas redes sociais é uma estratégia para gerar o aumento do tempo gasto em telas, de modo que o desejo do sujeito seja convertido em compras e no engajamento das grandes empresas digitais. Enquanto isso, a elaboração dos conteúdos oníricos fica deslocada das temáticas desejáveis, ao passo que o mercado neoliberal ainda não conseguiu comercializar de forma significativa os conteúdos oníricos. A luminosidade dos smartphones e notebooks substituem a luz do sol, na medida em que excitam os circuitos fisiológicos do sistema nervoso, dificultando a entrada ao estado de sono (PEREIRA, 2021). Desse modo, refletiremos mais detalhadamente sobre a relação entre os imperativos de gozo neoliberais e as resistências ao momento de dormir e de se permitir encontrar com os pensamentos oníricos.

Sobre a diminuição do sono e os processos de reificação, Pereira (2021, p. 29) afirma:

Um inquietante laço pode, então, ser estabelecido entre os interesses do capital, o sono dos indivíduos e os estímulos luminosos. A atenção e a vigilância de cada pessoa tornam-se, neste mundo cada vez mais ancorado na virtualidade das redes sociais, um verdadeiro ativo econômico-financeiro.

Nesse trecho, o autor destaca como é benéfico ao sistema neoliberal, a constante diminuição do sono em detrimento do aumento do consumo mediante as telas digitais. Os imperativos contemporâneos de gozo atravessam o sujeito de maneira explícita na formação de um sintoma comum na contemporaneidade, a dificuldade de desligar-se das telas e das redes sociais. O sujeito permanece conectado não apenas por hábito, mas porque ali circula a possibilidade de uma satisfação instantânea e renovável — likes, compras e interações — . A repetição excessiva dessa lógica de obtenção de prazer através do olhar fixado nas telas digitais torna-se desprazerosa quando o sujeito relaciona tal hábito com a sensação de procrastinação, vício e improdutividade.

O sujeito não sabe mais por qual razão continua buscando o ato de se conectar às redes digitais, mas também não consegue parar de procurá-las. Nessa dinâmica, localizamos o conceito de gozo enquanto uma experiência de sobreposição inconsciente entre prazer e desprazer (LACAN, 1964/1985). Tal experiência se repete ao longo do tempo, de modo que o gozo escapa aos processos de simbolização, fixando o sujeito em certos circuitos inconscientes. A lógica do imperativo de gozo sustenta hábitos que postergam o momento de dormir. Dormir implica, em certa medida, suspender o circuito do desempenho e desligar-se das demandas do gozo do Outro neoliberal (PEREIRA, 2021).

Se permitir ao estado de sono exige do sujeito uma posição contrária ao do consumo, do poder e da produtividade. É justamente ao adormecer que o sujeito se torna mais disponível ao encontro com a verdade do seu desejo. A resistência persistente e adoecedora ao estado do sono, isto é, a insônia, possui diversas fontes: contingências sociais, fisiológicas e/ou psicológicas. A entrada no estado de sono, segundo Pereira (2021), por mais que aponte para um investimento libidinal narcísico, também sinaliza o ato do sujeito em se permitir encontrar com as marcas mnemônicas do Outro amoroso primordial. O acalanto, a canção de ninar e o cafuné elucidam como a entrada no estado de sono está ligado à dialética constitutiva entre o Eu e o Outro. Isto é, por mais que dormir seja uma atividade individual, a dinâmica psíquica do sono aponta para uma experiência relacional. Nesse sentido, a epidemia da insônia contemporânea nos faz refletir sobre a conjunção entre duas forças: (1) a resistência de desligar-se das demandas de gozo do Outro neoliberal; (2) a carência de cadeias significantes constituídas a partir do laço amoroso com o outro.



Em uma sociedade empobrecida de narrativas que sustentam o amparo, o laço social e as relações de amor, intensifica-se a angústia implicada no ato de dormir, na medida em que esse momento convoca o sujeito a confrontar a inconsistência do Outro e a sustentar, ainda que parcialmente, a experiência do desamparo. Diante da suspensão dos imperativos de gozo que organizam a vigília, o sono se apresenta como um campo em que o sujeito se vê menos protegido pelas identificações imaginárias, sendo exposto à emergência de conteúdos inconscientes que escapam ao controle do Eu. Dito de outro modo, os discursos neoliberais podem empobrecer o repertório simbólico do sujeito, não apenas na infância mas no decorrer de sua vida, de tal modo que o encontro com o desamparo constitutivo que o estado de sono proporciona pode tornar-se intolerável.

Nessa perspectiva, encontramos no sonho de angústia uma outra função do sonho, o despertar súbito durante a noite. No cotidiano de muitos insones os súbitos despertares acontecem em minutos ou segundos após a tentativa de entregar-se ao sono. No momento em que o Eu flexibiliza os mecanismos de censura, os conteúdos oníricos ganham espaço para se manifestarem. O despertar pode reintroduzir a retomada do controle do Eu, enquanto os pensamentos oníricos voltam ao estado de latência. Nesse momento, o sonho enquanto guardião do sono sucumbe às exigências repressivas dos Eu (FREUD, 1940/2014).

Segundo Lacan (1964/1985), o despertar causado pelo encontro com conteúdos oníricos excessivamente angustiantes pode produzir algumas imagens oníricas que fiquem os fragmentos do encontro com o Real. É interessante notar que diversos sujeitos descrevem relatos de sonhos de angústia marcados por cenas surpreendentemente semelhantes, cujos enredos podem revelar aspectos da estrutura do psiquismo. Observa-se, com frequência, o despertar do sonho no momento em que o sujeito precisava correr, mas as pernas permanecem imobilizadas sem motivo aparente; ou a tentativa de gritar sem que a voz se produza; assim como situações em que o sujeito procura golpear algo, mas a força subitamente se esvai. Também são recorrentes os sonhos de perseguição, nos quais o sujeito se vê ameaçado por algo que não se apresenta de forma claramente identificável.

As experiências dos sonhos de angústia e seus conteúdos característicos podem sinalizar o ponto em que a cadeia significativa é incapaz de se manter deslizando frente a conteúdos insuportáveis, descritos recorrentemente como “muito reais”, capazes inclusive de gerar paralisias do sono. Essas paralisias são experiências que o sujeito tem a sensação de perder por alguns instantes o controle do seu corpo no momento da transição do sono para o estado desperto. Os sonhos de angústia, acompanhados pelos despertares abruptos, evidenciam um furo na racionalidade neoliberal: o Eu é incapaz de controlar ou gerir completamente seus

conteúdos oníricos e como estes afetam seu corpo. Lacan (1962-63/2005) aponta que a angústia é o afeto que não engana, os sonhos de angústia, portanto, lançam o sujeito em sua verdade, ainda que a mesma tenha estrutura de ficção aterrorizante ou de enredos surrealistas.

É nesse sentido que o sonho e seu compartilhamento, em contextos de escuta atenta à ética do desejo, configuram-se como fenômenos de resistência política: ao mesmo tempo em que traduzem as marcas do tempo histórico, a elaboração secundária dos sonhos abre brechas discursivas por onde o sujeito pode dizer algo que não seja capturado pelos dispositivos de poder neoliberais. Cada sonho, ao transformar o real em ficção, reinscreve o impossível na cultura. É nesse encontro com impossibilidade, onde a verdade tem estrutura de metáfora, que o sujeito encontra um suspiro de liberdade. Dormir de forma satisfatória, torna-se igualmente um ato de subversão social, pois reivindica o direito de uma necessidade primordial do ser humano, o prazer de dormir, de sonhar e de elaborar seus sonhos.

## Referências

- ANDRADE, Érico. Extrativismo epistêmico no Brasil. *Argumentos – Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 17, n. 2, p. 223–233, jul./dez. 2025.
- CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Sujeito neoliberal: entre performance e gozo. In: PANSARELLI, D. et al. (orgs.). *Gênero, psicanálise, filosofia na América Latina, filosofia da libertação e pensamento descolonial*. São Paulo: ANPOF, 2019. p. 119-127.
- CHAVES, Ernani Pinheiro. Do “sujeito de desejo” ao “sujeito do desejo”: Foucault leitor de Santo Agostinho. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 31, n. 52, p. 257-277, jan./abr. 2019.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Prefácio. In: BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. Tradução Silvia Bittencourt. São Paulo: Fósforo, 2022.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz et al. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). [S.l.]: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, Sigmund. Explicação pela interpretação do sonho. In: FREUD, Sigmund. *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados* (1940). Belo Horizonte: Autêntica, 2014. cap. 5, p. 101–109.
- FREUD, Sigmund. *O Infamiliar* [Das Unheimliche](1919). O Infamiliar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Obras incompletas de Sigmund Freud.
- HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Tradução de Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

- IANNINI, Gilson; LIMULJA, Hanna; RIBEIRO, Sidarta. Sonhar no século XXI, sonhar o século XXI. In: FREUD, Sigmund. *A interpretação do sonho* (1900). Belo Horizonte: Autêntica, 2025. Obras incompletas de Sigmund Freud.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Seminário originalmente proferido em 1962-1963.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Seminário originalmente proferido em 1964.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Seminário originalmente proferido em 1972-1973.
- NASCIMENTO, Maria Sampaio do; CREADO, Eliana S. J. Conhecer (n)os sonhos: uma busca na antropologia. *Cadernos de Campo (São Paulo)*, São Paulo, v. 32, n. 2, e189178, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/189178/200171>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- PEREIRA, Mario Eduardo Costa. *A erótica do sono: Ensaio psicanalítico sobre a insônia e o gozo de dormir*. Aller Editora, 2021.
- RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-46, 2021.